

A PRÁTICA DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: INQUIETAÇÃO PRODUTIVA

Suzyneide Soares Dantas¹

RESUMO

A pandemia do COVID-19 provocou mudanças abruptas no cotidiano das instituições de ensino. O Ministério da Educação (MEC) autorizou a suspensão das aulas presenciais e sua efetivação em aulas remotas para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem. Os professores iniciaram essa caminhada com pouca ou nenhuma experiência prévia sobre o assunto. Acreditavam que, aprendendo as ferramentas digitais, às aulas presenciais se transformariam em remotas naturalmente. A crise na educação se concretizou. Inovar e reinventar os objetivos de aprendizagem se tornaram urgentes para que fossem alcançados de forma interativa e interessante. Mas como ministrar aulas remotas que garantam o protagonismo e o engajamento de todos os estudantes e professores, escolas públicas e privadas? Como oferecer estratégias de aprendizagem remotas que possibilitem a aquisição de conhecimento por meio da participação efetiva do estudante? Não há receitas de como enfrentar esses desafios. Diante do exposto, esse artigo se propôs a discutir sobre a prática docente em tempos de pandemia, contribuindo com reflexões, instigando o pensamento sobre o (re)pensar na crise cristalizada na história da educação. Utilizando a pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, recorreu-se a Almeida(2003), Bergmann e Sams(2016), Bittencourt (2020), Cohn e Seltzer (2020), Farias(2020) entre outros. Os estudos evidenciaram que, para responder aos professores diante desse novo normal de prática docente, eles precisam se engajar nesse enfrentamento, encontrando respostas as suas próprias indagações.

Palavras-chave: Prática docente. Pandemia. COVID-19.

INTRODUÇÃO

O novo COVID-19 ou SARS-COV-2 trata-se de um vírus surgido em 2019 na China em virtude de um potencial surto de pessoas infectadas. A contaminação ocorre pelo contato direto de pessoa para pessoa ou por gotículas espalhadas pelo espirro ou tosse da pessoa infectada. (ROTHAN e BYRAREDDY, 2020).

Para minimizar a disseminação do COVID-19 foram adotadas medidas de prevenção como o distanciamento social e o isolamento social com o objetivo de reduzir a transmissão do vírus entre as pessoas. O isolamento social tornou-se uma das principais medidas de

¹ Mestre em Educação (UFRN). Mestre em Ciência da Informação (UFPB), autor principal. ssdantas@yahoo.com

distanciamento das pessoas contaminadas ou com suspeita de contaminação, evitando assim a cascata de transmissão do novo COVID-19.(FARIAS, 2020).

Assim como foi exigido o isolamento social para a manutenção da saúde física das pessoas, para a saúde mental considerou-se o fortalecimento de uma rotina diária, uma vida ativa durante a pandemia do COVID-19, reforçando a importância da manutenção dos hábitos diários à saúde emocional. A não realização dessas orientações pode afetar negativamente a saúde física e mental da pessoa nesse período. (MELO, 2020).

As consequências ocasionadas pela pandemia afetaram o cenário das instituições de ensino. Em particular, professores e estudantes, sentiram de forma significativa os efeitos das mudanças ocasionadas na prática pedagógica em virtude do COVID-19. Nesse cenário, as instituições de ensino tiveram que se adequar à nova realidade imposta de maneira brusca sem um planejamento prévio. Os modelos que dominavam sobre o como ensinar e como se aprende exigiu mudanças radicais.

Os docentes tiveram que se debruçar diante de uma formação imediata em que execução da ação era a meta principal. O desafio estava posto: exercer a prática pedagógica adotando o modelo de aulas remotas, utilizando recursos digitais que ainda não dominavam, a partir da residência do estudante, enquanto as escolas se mantivessem fechadas por decretos governamentais. A rotina das aulas remotas aos poucos foi se estabelecendo diante das situações desafiadoras evidenciadas no cotidiano das famílias e dos seus professores.

De um lado, estudantes ansiosos, cansados e estressados diante do isolamento social e na obrigatoriedade da manutenção de uma rotina escolar; do outro lado, professores esgotados, estressados diante desse novo, tendo que exercer a prática docente com competências instrumentais e emocionais exigidas pelas aulas virtuais, para lidar com desafios que vão além do aprendizado da utilização de ferramentas *online* ou das aflições dos pais/familiares das crianças, diante desse novo. Estamos falando das escolas particulares em que os profissionais da educação tiveram que enfrentar imediatamente os desafios impostos pelas aulas remotas em virtude do COVID-19.

Diante do exposto esse artigo se propôs a discutir sobre a prática docente em épocas de pandemia do COVID-19 ocasionando às aulas remotas. Esse estudo visa contribuir para um repensar na atuação docente, de forma que cada profissional da área da educação, considerando o contexto formativo e o perfil do estudante, encontre suas próprias respostas para o enfrentamento desse desafio, emergencial ocasionado pela pandemia do COVID-19.

A seguir, será abordado, uma breve discussão sobre a prática docente na perspectiva de alguns pesquisadores referenciais nesse assunto, dialogando sobre às aulas remotas em tempos de pandemia de COVID-19.

METODOLOGIA

Considerando os objetivos propostos, adotou-se como metodologia de trabalho a pesquisa bibliográfica de cunho exploratório para discutir a problemática da prática docente *online* (aulas remotas) em decorrência da pandemia de COVID-19, a partir de referenciais teóricas pertinentes, objetivando conhecer e discutir as contribuições científicas existentes sobre a temática e, dessa forma, promover um diálogo reflexivo a partir dos desafios identificados nesse cenário formativo.

A pesquisa bibliográfica de cunho exploratório tem como objetivo proporcionar familiaridade com o problema, tornando-o o mais explícito ou a constituir hipóteses/questionamentos (GIL, 2002).

Pode-se dizer que estas pesquisas tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou de descobertas. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p.41)

A pesquisa bibliográfica estabeleceu o marco teórico a ser discutido, possibilitando uma aproximação conceitual, desenvolvida a partir de uma base teórica pertinente, a partir de referenciais como:

O acervo referenciado proporcionou a obtenção de informações relevantes e a construção de conhecimentos pertinentes que contribuiriam de forma significativa na obtenção dos objetivos propostos nesse estudo, permitindo a cobertura do fenômeno, contribuindo, dessa forma, a sua análise e discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tardif (2002, p.21) enfatiza que “Ensinar é perseguir fins, finalidades”. Em linhas gerais, pode-se dizer que ensinar é empregar determinados meios para atingir certas finalidades. E continua:

Os professores não buscam somente realizar objetivos; eles atual, também, sobre o objeto. O objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo. (TARDIF, 2002, p.23)

Embora ensinem a grupos de pessoas, os professores não podem deixar de levar consideração as diferenças individuais, pois são as pessoas que aprendem e, não os grupos. Nesse sentido, a primeira característica do objeto de trabalho docente é que se trata de pessoas. Pessoas que tem suas singularidades, seus valores, seus interesses. Então, surge o primeiro questionamento: como contribuir na formação de pessoas em que as aulas presenciais foram transformadas, seguindo o mesmo padrão, das aulas remotas?

Se a turma é formada por pessoas que tem as suas singularidades, conseqüentemente, a turma é heterogênea, os estudantes são heterogêneos. As capacidades cognitivas não são as mesmas, nem as mesmas possibilidades sociais. As suas possibilidades de ação variam, a capacidade de aprenderem também, assim como as possibilidades de se envolverem numa atividade, entre outras coisas. Então, surge o segundo questionamento, como o professor, compreendido como mediador - na perspectiva de Vygotsky² - contribuirá na construção do conhecimento de estudantes, considerando suas particularidades, mediando as situações de aprendizagem em aulas remotas que foram substituídas pelas aulas presenciais?

Uma proposta de ensino em que massificam os estudantes, desconsidera as diferenças individuais que os fazem ser o que são. Na ausência do mediador – profissional da educação – ou seja, àquele que sabe ensinar - nas aulas remotas, o ensino passou a se deparar cada vez mais com estudantes heterogêneos em diversos aspectos, em especial, disparidades cognitivas e afetivas entre outras. Essa questão levanta o complexo problema que até hoje, a educação brasileira ainda não resolveu em sua plenitude: respeitar as diferentes e propor estratégias de ensino-aprendizagem para que todos possam aprender.

A fundamentação da prática docente ocorre a partir das interações personalizadas do professor com os estudantes para obter a participação deles em seu próprio processo de formação e atender às suas diferentes necessidades. Portanto, as relações humanas são fatores essenciais na prática docente, que por sua vez, exige, constantemente, um investimento profundo, tanto do ponto de vista afetivo como cognitivo entre os envolvidos. Então surge o terceiro questionamento, como manter as relações interpessoais nas aulas remotas,

² **Lev Vygotsky** (1896 a 1934), psicólogo bielo-russo, considerado teórico da abordagem da psicologia sócio histórica; o aprendizado é necessariamente mediado - e isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante. Com tal procedimento, a criança "se apropria" dele, tornando-o independente.

considerando que essas relações sociais estabelecidas em sala de aula são imprescindíveis no processo ensino-aprendizagem?

Em tempos de amplo distanciamento físico como resultado da pandemia do COVID-19, o foco da formação docente, em regime de emergência, centrou-se basicamente em treinamentos para o uso de tecnologias digitais. Compreensível, já que a escola saiu do modo presencial para um formato a distância.

Mas, aprendemos com a singularidade da situação que possivelmente estamos caminhando para um novo modelo de funcionamento da escola. Devido à necessidade de novos protocolos de distanciamento, ensinar e aprender vão exigir novas configurações tanto do ponto de vista físico quanto metodológico.

Alguém já se perguntou, como estão os docentes enquanto as escolas seguem fechadas? Verificamos numa rápida pesquisa pelas mídias sociais que inúmeras aulas em que os professores gravam para seus estudantes e que estão disponíveis para serem acessadas para quem tiver interesse, demonstra o quanto o processo tem se esforçado para promover a participação e manter o interesse do estudante pela aula, chegando a ser exaustiva a sua atuação.

As mídias informativas tem divulgado e constatado o imenso esforço dos professores que tentam, com muito pouco recursos, ensinar algo para os estudantes a distância, através das aulas remotas. Diante do desconforto de ter que ensinar de modo remoto, muitos tem se empenhado para prender a atenção dos estudantes da melhor maneira possível. Uns têm sucesso, outros nem tanto. Mas todos estão comprometidos em exercer seu ofício da melhor forma que conseguem.

Apesar do ineditismo destes tempos de pandemia do COVID-19 é consenso que os professores estão se esforçando para que com às aulas remotas. O desafio está posto e continua. Principalmente nos momentos de avaliação do processo ensino-aprendizagem de seus estudantes e sua própria autoavaliação, que exigem por parte dos professores competências ainda em formação inicial que precisam ser utilizadas agora, nesse momento tão difícil. Enfim, o problema é que, seguimos conduzindo a educação da mesma forma.

O isolamento social impostos para o combate à proliferação do novo coronavírus - COVID-19- alterou a rotina das pessoas em vários aspectos, como, a rotina de estudos. Diante desse cenário, o Ministério da Educação (MEC) autoriza a suspensão de aulas presenciais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19 - no Brasil.

Para amenizar os prejuízos causados pela situação, autoriza a substituição de disciplinas presenciais por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e

comunicação em cursos que estão em andamento. A medida foi publicada no Diário Oficial da União (DOU), 18 de março de 2020, estabelecendo um prazo de 15 dias para as instituições que optarem pela substituição de aulas presenciais por aulas remotas entrassem em contato.

As instituições privadas imediatamente entraram em contato com o MEC para solicitar a autorização de funcionamento durante o isolamento social ocasionado pela pandemia do covid-19. Dessa forma, cria a possibilidade do ensino a distância na matriz presencial, com o objetivo de manter a rotina de estudos dos estudantes. Mas, será que tal mudança é possível para todos os envolvidos, em especial, estudantes e professores das escolas públicas e privadas?

O MEC acrescenta ainda na portaria que, “será de responsabilidade das instituições a definição das disciplinas que poderão ser substituídas, a disponibilidade de ferramentas aos estudantes que permitam o acompanhamento dos conteúdos ofertados bem como a realização de avaliações durante o período da autorização”. E, estabelece que as instituições de ensino suspendam as atividades acadêmicas presenciais e que, as aulas canceladas “deverão ser integralmente repostas para fins de cumprimento dos dias letivos e horas-aulas estabelecidas na legislação em vigor”. E que, as instituições podem também alterar o calendário de férias, desde que cumpram os dias letivos e horas-aula estabelecidos.

Nesse mesmo período, criou o Comitê Operativo de Emergência do MEC para mitigar os efeitos do coronavírus no ambiente escolar, decidindo na primeira reunião do colegiado, dia 16 de março de 2020, liberar R\$ 450 milhões do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) para escolas comprarem itens como álcool gel, sabão e papel higiênico.

Porém, para que a continuidade das atividades presenciais ocorra em ambientes virtuais, é essencial a adoção de tecnologias variadas, permitindo a comunicação, a interação e a avaliação dos estudantes, mesmo eles estando afastados da escola. Pergunta-se: Qual o recurso orçamentário destinado a formação imediata dos professores para a utilização dos recursos tecnológicos destinados a elaboração das aulas virtuais?

Com o objetivo de orientar as organizações educacionais, também em março de 2020, pela coordenação da Campanha Nacional pelo Direito à Educação e pela plataforma Cada Criança foram lançados dois documentos. O primeiro documento, direcionado a escolas, famílias e agentes locais, sinaliza como a educação deve ser realizada durante o isolamento social para que haja a manutenção do processo de desenvolvimento cognitivo. O segundo, direcionado aos gestores públicos, indica como preservar o direito a educação neste momento de pandemia.

Esses documentos vêm sendo utilizados pelas organizações internacionais como Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). E, se encontram disponíveis às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação do país.

Dessa forma, mediante orientações e normatizações do Ministério da Educação para esse período de quarentena em que foi inevitável o fechamento das instituições educacionais, o ensino da sala de aula foi levado para dentro das casas dos estudantes para que tivessem o menor impacto possível no seu desenvolvimento escolar.

O ensino remoto foi a melhor opção porque demanda tecnológica de aulas menor do que o ensino à distância, sendo possível adotar aplicativos e serviços abertos e genéricos de comunicação e interação, como Zoom, Skype e Google Hangout, embora existam soluções específicas de salas de aulas virtuais, como é o caso do Google Classroom, que, além das transmissões ao vivo, permite a disponibilização de gravações e atividades complementares, viabilizar a continuidade das atividades pedagógicas pela internet, amenizando os impactos na aprendizagem dos estudantes enquanto precisam ficar afastados da escola. Para uma melhor compreensão conceitual do ensino remoto será apresentado a seguir, algumas características que o diferenciam do método de Ensino à Distância (EaD). (COHN e SELTZER, 2020).

O ensino remoto preconiza a transmissão em tempo real das aulas. A ideia é que professor e estudantes de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorriam no modelo presencial. Isso significa manter a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um dos estudantes em diferentes localidades. Adaptações podem e devem ser feitas para adequar a forma de apresentação das disciplinas, mas de maneira geral é seguido o que foi pensado para o ensino presencial (COHN e SELTZER, 2020).

Vale salientar ainda que, devido a essa estrutura focada em replicar algo planejado para outro ambiente, alguns especialistas em Educação não consideram as aulas remotas como uma modalidade de ensino como o Ensino a Distância (EaD). (ALMEIDA, 2003; BERGMANN, 2016).

A aula EaD prioriza o uso de videoaulas gravadas, garantindo acesso assíncrono (a qualquer tempo) e buscando promover conteúdos e atividades autoinstrucionais, ou seja, que o estudante consiga acompanhar e realizar sozinho (ALMEIDA, 2003; BERGMANN, 2016). Enquanto isso, a aula remota é baseada principalmente em transmissões ao vivo ou então

gravadas nos dias e horários habituais dos encontros presenciais da turma, promove o constante contato entre educador e estudante(a)s.

Com relação aos materiais pedagógicos, na aula EaD os materiais são prapadronizados entre as turmas e séries por isso são preparados de maneira mais abrangente. Enquanto na aula remota, considera-se as peculiaridades de cada turma objetivando facilitar a adaptação dos mesmos, de acordo com o maior ou menor evolução daqueles estudantes, por isso os conteúdos são elaborados pelo professor do componente curricular ou seja, o professor não é um tutor como nas aulas EaD.

Quando a realização do planejamento das aulas, a aula EaD é planejada de forma unificada, gerando um cronograma de atividades programadas para todos os estudantes dentro do conteúdo estabelecidos no Plano de Ensino do curso. Enquanto que à aula remota segue o cronograma estabelecido nos planos de aulas (diários) propostos, adaptando-se a alterações necessárias para atender ao cenário da pandemia do COVID-19.

Normalmente as aulas EaD acontecem em plataformas digitais, devidamente programadas para a disponibilização das videoaulas aos estudantes, sem a necessidade da presença do professor-tutor no momento da realização da atividade. Há também meios de interação com o tutor da disciplina, o que pode ocorrer em tempo real ou de forma assíncrona, dependendo da flexibilização do horário que esse profissional irá destinar para esse tipo de atendimento.

Enquanto isso, a aula remota é pautada em transmissões ao vivo, os estudantes possuem interação diária ou frequente com o professor para sanar suas dúvidas. Embora isso possa ser uma interação mais pessoal, dúvidas surgidas durante as atividades complementares exigem maior organização principalmente dos estudantes, para que não deixem de registrar e questionar o professor no encontro seguinte.

Com relação ao processo avaliativo, a aula Educação a Distância (EaD) esse processo é padronizado, muitas vezes com testes e atividades produzidos e corrigidos de maneira automatizada pelo sistema adotado. Enquanto isso, a avaliação do processo de aprendizagem consiste em avaliações elaboradas pelo professor(a) da disciplina, que por sua vez, considera os conteúdos abordados durante as aulas remotas para cada uma de suas turmas.

O ensino remoto permite ao estudante desenvolver habilidades importantes para sua formação, como autonomia, engajamento na aquisição de conhecimento e competências socioemocionais. Porém, para estudar longe do ambiente escolar, o estudante precisará de mais motivação e disciplina, assim como, metodologias ativas que lhes despertam o interesse pelas atividades.

No cenário de aulas remotas, as competências de um estudante, em especial, de autonomia, adquirida na escola presencial serão imprescindíveis ao estudante na rotina de estudos em casa, como: disciplina com suas tarefas mesmo sem a supervisão de adultos; responsabilidade sobre seus compromissos; gerenciamento o seu tempo de maneira mais eficiente; concentração de maneira mais adequada para a realização de diferentes categorias de atividades; motivação para alcançar seus objetivos pessoais; e por fim, aumento da sua autonomia em decisões pessoais e de estudo. Eis o desafio.

Dessa forma, os professores podem utilizar metodologias ativas no ensino remoto, ajudando a engajar os estudantes a continuarem o desenvolvimento da aprendizagem mesmo em casa e ainda estimula outras habilidades que eles não costumavam exercer na escola com tanta ênfase. As metodologias ativas contemplam a:

Ludicidade: abordar o tema de estudo através de jogos ou brincadeiras.

Protagonismo: propor ao estudante buscar por si só o assunto, mas com a orientação do professor.

Debate: realizar discussões acerca da matéria, em casa com os pais ou virtualmente com os colegas.

Estudos de caso: interpretar um caso e aplicá-lo à realidade com base em diferentes ideias, podendo discuti-lo com os familiares.

Pesquisas de campo: buscar informações sobre um tema entrando em contato direto com o objeto de estudo. Por exemplo, realizar uma entrevista com a mãe, que trabalha em um hospital.

Estudos em grupo: construir conhecimento com a colaboração de outros estudantes, através de comunicação virtual.

Projetos: elaborar um trabalho para solucionar uma demanda.

Tecnologia: utilizar ferramentas digitais para auxiliar na realização das tarefas.

(FILATRO e CAVALCANTI, 2018, p.34)

Os professores podem promover em sua prática docente *online* como o uso da tecnologia, de métodos ativos e ferramentas digitais as seguintes práticas: a comunicação com os estudantes em ambientes virtuais para tirarem dúvidas e interagirem entre si; disponibilização de um guia de estudos com orientações de como acessar os conteúdos, o que estudar e as tarefas a serem realizadas; quanto as atividades avaliativas, solicitar que os estudantes realizem tarefas contidas no livro e enviem as respostas através de canais de comunicação digital; promover discussões práticas, discutir o assunto trabalhado nas aulas

online através de chats, proporcionando a interação entre a turma e o compartilhamento de experiências.

Segue algumas ideias de como inserir no plano de aula, tecnologia e facilitar a aprendizagem remota:

Interação em ambientes virtuais: criar grupos em redes sociais, fórum de discussões e ambiente virtual de aprendizagem.

Textos em formato digital: sugerir a leitura de artigos em portais de notícias, e-books e PDFs.

Métodos colaborativos de produção de conteúdo: propor a construção de um blog em equipe, a escrita de textos em conjunto (no Google Docs, por exemplo) e a criação de um canal no YouTube com vídeos sobre os temas estudados.

Apresentações em formato multimídia: gravar vídeos com a apresentação de trabalhos e compartilhar com os professores e colegas, elaborar slides e mapas mentais com os assuntos estudados.

Avaliações online: aplicar provas através de canais digitais e disponibilizar simulados e questionários para fins avaliativos.

Aplicativos e softwares educacionais: jogos educativos, realidade aumentada, entre outros.

(COHN e SELTZER, 2020, p.36)

Portanto, as escolas precisam oferecer os recursos necessários para possibilitar essa modalidade de aprendizagem, para que os professores consigam elaborar um plano de aula que contemple as ferramentas e técnicas destinadas a trabalhar as metodologias ativas no ensino remoto.

Considerando que, as escolas precisam inovar e se adaptar à realidade dos jovens, essas metodologias devem fazer parte da sua cultura, tornando-se indispensável inserir a tecnologia educacional em seu serviço. Mesmo antes do isolamento social, as modalidades de ensino que priorizam a autonomia e o uso de recursos digitais para tornar a participação dos estudantes mais ativa já são consideradas essenciais para gerar uma aprendizagem mais significativa e eficaz. Para isso, foram desenvolvidos recursos apropriados para atender às necessidades atuais e ajudar as escolas parceiras a oferecerem um ensino de qualidade.

Livro digital: contém todo o conteúdo do livro impresso e pode ser acessado por dispositivos eletrônicos, on-line e off-line, com recursos interativos.

Ambiente virtual de aprendizagem: oferece videoaulas e atividades sobre 100% dos conteúdos lecionados em todo o segmento, bem como o acesso ao professor.

Realidade aumentada: permite visualizar o mundo real através de imagens tridimensionais com projeções gráficas digitais.

Portal: disponibiliza aos professores materiais completos com recursos para propor atividades para seus estudantes, como projetos temáticos, atividades de sistematização, simulados, banco de provas, ferramentas audiovisuais, livro do professor e muito mais.

Aplicativos: como exemplo, temos o SAE Questões, que disponibiliza os conteúdos das últimas edições do Enem para os estudantes estudarem pelo celular.

QR Codes: códigos de acesso a conteúdos complementares por meios digitais, disponibilizados nos materiais.

Assessoria pedagógica digital: oferece suporte administrativo e pedagógico à escola através de canais de comunicação digital.

(FILATRO e CAVALCANTI, 2018, p.36)

A migração para o modelo remoto de ensino foi um dos desafios mais urgentes impostos pela pandemia do COVID-19. As aulas presenciais se transformaram em aulas remotas em um curto período de tempo, exigindo esforços do corpo docente e de equipes de diversas áreas no planejamento e realização de diversas ações, entre elas formação continuada. Como toda mudança, a situação posta trouxe novidades, desafios e necessidade de novos processos assim como, uma provocação emergencial para uma (re)leitura sobre a prática docente nas instituições educacionais brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação como prática social, historicamente situada, requer muito esforço para ser estudada, compreendida e interpretada, produzindo fundamentos para a prática docente, não sob a forma de receitas e prescrições, mas com base em um olhar (teoria) que confronta e ressignifica a prática.

Dialogar sobre a prática docente *online* e aulas remotas em tempos de pandemia, é desafiador. A prática docente está vinculada de forma indissociável a formação docente, enquanto profissional da educação, as condições de trabalho, infraestrutura da escola e carreira, como fatores que só podem atuar na totalidade. Fatores são fundamentais para o exercício de uma prática docente que produzam aprendizagens significativas para os estudantes. A formação não se dá no vazio; a prática docente não se institui no vazio das relações, não se estabelece na neutralidade política. (PIMENTA, 2000).

A prática docente seja ela presencial ou *online* não pode ser vista de forma isolada, desconsiderando os demais fatores envolvidos no processo educacional. É referendada como esclarecedora da teoria nela impregnada, ou seja, espaço de significação da teoria.

Não existe prática sem teoria que a sustente; nem teoria distanciada de possibilidades de prática porque o que forma o sujeito é a articulação dos sentidos da prática com os significados da teoria.

Para tanto, é preciso que as instituições de ensino garantam espaço/tempo de construção de práticas, por meio de infraestrutura (equipamentos, acesso a tecnologias avançadas entre outros recursos), de equipe pedagógica, de condições de profissionalização (carreira e salários) adequados à dignidade profissional.

De acordo com os dados de 2016 do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), no terceiro ano, 55% dos estudantes de escola pública são na *prática* analfabetos; em matemática, 54,4% não sabem o que deveriam saber. Dados como esses revelam o quanto o Brasil precisava promover o acesso equitativo a educação de qualidade, com resultados de aprendizagem relevantes e efetivos. Portanto, o sistema de ensino no Brasil tem estado em crise há muitos anos.

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) da Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE), em 79 economias avaliadas, o Brasil é uma das com maior desigualdade educacional. Os dados revelaram que entre os estudantes brasileiros, os 25% mais ricos tem pior desempenho do os 25% mais pobres dos países mais ricos.

Há também a questão de como a educação pode preparar as pessoas para a chamada Revolução 4.0, caracterizada pela aceleração do processo de automação e de uso de inteligência artificial. Nesse cenário, calcula-se que 2 bilhões de postos de trabalho sejam extintos até 2030. Outros serão criados, mas demandarão competências sofisticadas. Com o crescimento da desigualdade, quem não tiver essas competências terá mais chances de ter sua renda diminuída.

Diante desse cenário, os melhores sistemas educacionais do mundo estão enfatizando a resolução colaborativa de problemas, com estímulo à utilização dos conhecimentos e à produção da criatividade; a personalização do ensino, com ações dirigidas a quem não sabe, em vez do modelo de repetência; e a mescla do uso da tecnologia com as aulas, reinventando o processo de ensino de modo que a escola possa ensinar a pensar.

Com a advento da Pandemia do COVID-19, a situação das desigualdades sociais foram evidenciadas. O presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação

(CONSED) expressou seu sentimento de pessimismo quanto a pós-pandemia no âmbito federal, em decorrência da dificuldade de montar uma agenda a partir da baixa aprendizagem e desigualdade da educação antes da pandemia. Segundo ele, o Ministério da Educação deveria ter sido mais atuante, articulado e colaborativo com as redes de ensino, apresentando um espectro mais amplo de soluções para a mudança do cenário de crise.

Outro fator a considerar na análise e discussão sobre a prática docente *online* ocasionada pela pandemia do COVID-19 são as relacionadas as competências socioemocionais que estão postas no cenário do isolamento social. Competência essencial que vai além da cognitiva ou seja, desenvolvimento de pessoas capazes de reinventar em ambientes complexos e voláteis como o atual.

Diante do exposto é preciso (re)pensar na recomposição dos modelos educacionais e nas condições que o professor, o estudante e suas famílias têm nesse cenário de pandemia. O que faz a educação não são leis, normas, bases curriculares, são as pessoas, especialmente a educação básica. Para tanto, se faz necessário uma educação formal articuladora, respeitando os limites e possibilidades, mantendo o que a faz essencial, o respeito a diversidade.

Considerando os aspectos levantados nesse estudo, propõe-se que a prática docente *online* diante da pandemia do COVID-19 precisa estar se ajustando constantemente, a partir da articulação de fatores como: a serenidade, para não atropelar as pessoas em seus saberes; pensar com objetividade, uma vez cada contexto é único; flexibilidade para organizar com autonomia o planejamento em função de suas especificidades e considerando o perfil do alunado no que se refere as grandes diferenças de aprendizagem; e por fim, dedicação a formação continuada a partir das necessidades docente. Por fim, outro fator que merece destaque nesse cenário de pandemia, as condições de saúde dos professores, sujeito da sua própria prática, portanto, imprescindível no processo ensino-aprendizagem.

Esse estudo exploratório-investigativo teve como objetivo promover uma discussão sobre a profissão docente, refletida através da problemática da prática docente *online* em situação de pandemia da COVID-19, com a finalidade provocar a problemática do tema em questão para um (re)dimensionamento da prática docente enquanto sustentáculo da qualidade do trabalho educacional.

A maioria dos professores foram obrigados a viver em condições de trabalho e em contextos profissionais totalmente novos, bem como assumir desafios intelectuais e emocionais muito diversos daqueles que caracterizavam o contexto escolar no qual aprenderam seu ofício.

A situação de pandemia ocasionada pelo COVID-19 refletiu na prática docente não apenas com relação a métodos de trabalho; pois, não se trata apenas da transformação de aulas presenciais em aulas remotas, mas a provocação do confronto do professor diante da sua própria prática profissional. Os desafios estão postos: reinventar a escola enquanto o local de trabalho e reinventar a si próprio enquanto pessoas e membros de uma profissão.

Isso significa que, daqui para frente, eles precisarão não apenas reinventar práticas pedagógicas mas também, reinventar suas relações profissionais com os colegas e a organização do seu trabalho, para tanto, se faz necessário o desenvolvimento de competências emocionais e tecnológicas para tempos de mudança.

A introdução de novos objetivos de aprendizagem e ensino obrigará as profissionais da educação, inventar permanentemente arranjos didáticos e situações de aprendizagem que respondam melhor à heterogeneidade de necessidades de seus estudantes em situação de crise. Inventar novos funcionamentos, mas flexíveis e maleáveis que a atribuição fixa de aulas; por em sinergia as competências existentes. Trata-se de uma verdadeira revolução para os professores, que, talvez, preferiam cultivar àquele modelo das aulas presenciais até então realizadas.

Para ter êxito nessa nova perspectiva difícil e delicada, hoje sabemos que é primordial que os professores não sejam mais vistos como pessoas em formação, mas como executores, como atores plenos de um sistema que eles devem contribuir para transformar, no qual devem engajar-se ativamente, mobilizando o máximo de competências e fazendo o que for preciso para que possam ser construídas novas competências a curto ou médio prazo.

Dessa forma, os professores devem se empenhar coletivamente na definição de problemas, na exploração de soluções possíveis e em sua avaliação tornando-se parceiros tanto das autoridades políticas quanto das instâncias de pesquisa. Então, na medida em que são designados ou se designam como iniciadores do processo de mudança, transformam ou mesmo sublimam, suas necessidades, seus problemas, sua nostalgia e seus objetivos pessoais, formulando projetos coletivos e investindo em sua implementação. Em contrapartida, precisam se sentir no direito de serem levados a sério como parceiros, aceitos em suas particularidades, sejam pessoais ou coletivas.

Verifica-se que a pandemia do COVID-19 ocasionou mudanças na prática docente embora com muito sofrimento porque a maioria dos professores se sentem isolados desprovidos de saberes necessários a sua atuação profissional.

Enfim, as variantes desse cenário remetem a uma concepção muito mais ampla da formação contínua do docente que compreende um conjunto de formas de interação e de

cooperação possíveis entre pesquisadores, formadores e professores, suscetíveis de favorecer a pesquisa-ação, a prática reflexiva e a profissionalização interativa, de estimular a sinergia das competências profissionais, permitindo identificar novos questionamentos que organizarão as reformas educacionais que, possivelmente, emergirão a partir desse cenário desafiador em todos os sentidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E.B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003

BERGMANN, J. SAMS, A. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BITTENCOURT RN. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Rev Espaço Acadêmico**. 2020; 19 (221): 168-78.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo de Manejo Clínico do Coronavírus (COVID-19) na Atenção Primária à saúde**. Brasília, DF. 2020.

COHN, J .; SELTZER, B. **Ensino eficaz durante tempos de interrupção para SIS e PWR**. 2020. Disponível em https://docs.google.com/document/d/1ccsudB2vw_ZGJY0K1FzGbtmftGcXwCIwxzf-jkkoCU/edit#heading=h.zd7qtbyoksaj . Acesso: 22 de agosto de 2020.

FARIAS HS. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. Espaço e Economia. **Rev Bras Geogr Econ**. 2020; 17-28.

FILATRO, A .; CAVALCANTI, C.C. **Metodologias Ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

GIL. A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MELO K. COVID-19: **Saiba a diferença entre quarentena e isolamento**. 2020. Disponível em:<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/covid-19-saiba-diferenca-entre-quarentena-e-isolamento>. Acesso em 21/08/2020.

PIMENTA, S. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

ROTHAN H. BYRAREDDY S. The epidemiology and pathogenesis of coronavirus disease (COVID-19) outbreak. **Jornal Autoimmun**. 2020; p.109-123.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

